

nelore

ANO IV

NÚMERO 32

OUTUBRO/95



O segredo de
uma boa seleção
se revela em mil
cuidados

NOSSOS CAMINHOS

Esta edição estava sendo fechada, na Redação, na penúltima semana de setembro, quando se ultimavam os preparativos para a abertura de mais uma Expoinel, a 24^a da série, em Uberaba, MG. Mais uma vez, se encerraria a contagem de pontos para atribuição dos títulos de campeões nas diferentes categorias em disputa no Ranking.

Tudo era expectativa em relação ao final. Os prazos de trabalho numa Revista têm de ser cumpridos, porém, convindo não atrelá-los à ocorrência de promoções de interesse da raça, por mais importantes que sejam, sob pena de trazer problemas à periodicidade regular que se quer para a nossa Nelore. Por isso, esta edição nem mesmo traz os resultados do Ranking, já que, em Uberaba, no início do mês de outubro, quando esta edição estivesse circulando, se teria a relação completa de seus grandes ganhadores.

A Revista espera estar continuando a cumprir o seu papel de veículo de comunicação voltado para os interesses dos neloristas e, por isso, abriga em suas páginas outros temas, que certamente são do interesse de todos. Em Uberaba, no contato direto com os criadores, surgirão oportunidades para estreitamento dos laços que nos unem, especialmente pela possibilidade de troca mais aberta de informações e diálogo franco sobre o que esperam de nós os neloristas e, para satisfazê-los em sua expectativa, o que pode pretender esta publicação, em apoio que lhe é imprescindível.

Boa Expoinel para todos. Que ela seja, efetivamente, o encontro do Nelore e o ponto de partida para novas e sempre proveitosas empreitadas.

**A foto da
uma most
produz o p
de transfe
embriões da
Água do
com ba
outras
de
em
que tem se
(de Bhãj
ali m**

-  PALAV
-  PLANT
-  ESPEC
-  SIMPÓ
-  AFTOS
-  COME
-  GENTI
-  NUTR
-  NO M
-  TOME
-  PONT

nelore

Publicação periódica de

Luiz Carlos Ta
Najor Tubino
Nelson Pineda

O tempo passa rápido. O segundo ano do Campeonato Nacional da Raça Nelore chega ao fim. E a 24ª Expoinel, em Uberaba, MG, neste comecinho de outubro, marcaria o encerramento de um ano de muito sucesso para o Ranking.

Vejam os números: no primeiro ano, tivemos 35 exposições de Nelore e 18 de Nelore Mocho, com 9.200 inscrições totais; neste segundo ano, realizamos 65 exposições de Nelore e 34 de Nelore Mocho, com aproximadamente 18.000 inscrições. Além disso, o interesse pela Expoinel cresceu e, faltando ainda alguns dias para o encerramento do prazo de inscrições, elas já estavam em 920, constituindo um recorde absoluto no Brasil para mostras especializadas. Os números demonstram a grande receptividade que o Ranking alcançou entre os expositores de todas as regiões do País, o que também se comprova com o fato de que 14 diferentes Estados realizaram exposições ranqueadas. Confirma-se, assim, amplamente o acerto da criação do Ranking e, igualmente, das modificações introduzidas no Regulamento deste segundo ano, que permitiram motivar um número ainda maior de interessados.

A vida não pára, porém. E a ACNB está realizando análises finais em várias sugestões para alteração do Regulamento, sempre com o objetivo de apertar ainda mais sua qualidade. Já está decidido, por exemplo, que, para 1996, todas as exposições constatem a prenhez das fêmeas, por toque ou ultra-som, no momento de sua admissão. Outra exigência: que o animal inscrito seja efetivamente de propriedade do expositor que o quer exhibir e ver julgado, condição a ser comprovada pela transferência no certificado de registro. Por outro lado, a prenhez será exigida aos 24 e não mais aos 27 meses, assim como a primeira cria aos 33 meses e não mais aos 36. São mudanças que se impõem, dada a incontestável e rápida evolução no melhoramento genético do Nelore.

Outras sugestões estão em estudo, como pequenos ajustes nas tabelas de bonificação por número de animais expostos e mesmo modificações nos valores dos prêmios de progênie. Elas estão sendo feitas em conjunto pela ACNB e ABCZ, devendo ser levadas ao Conselho de Integração Nacional, que se reuniria em Uberaba, durante a Expoinel. Nosso objetivo é, sempre, melhorar e propiciar aos expositores de todo o País condições de igualdade na disputa dos tão almejados prêmios.

O apoio recebido pela diretoria da ACNB nesses seus esforços tem sido gratificante e de forte estímulo.

Unidos assim, seremos sempre mais fortes e aptos a enfrentar e vencer a crescente competição que é o mundo pecuário de hoje.

Eduardo Biagi

Eduardo Biagi
PRESIDENTE DA ACNB



Água do Segredo não tem o que esconder: põe capricho em tudo que faz.

Com investimentos firmes em matrizes de escol, seu programa de transferência de embriões está permitindo a colheita de bons frutos para o plantel de Agudos.

Maria Elisabeth Ferreira Fontoura, além da técnica, tem carinho especial para Dondoca da Água do Segredo, do time de doadoras.

Quando pagou R\$ 100 mil por Corvina da Terra Boa, em leilão da Expozebu, em maio deste ano, Maria Elisabeth Ferreira Fontoura respondeu a um jornalista que, “enquanto muita gente gasta dinheiro com carros importados, eu invisto em vacas de qualidade”. Se a pergunta tivesse sido repetida, em duas ou três oportunidades, depois, certamente a proprietária da Fazenda Água do Segredo, de Agudos, SP, diria a mesma coisa, pois é exatamente esse o objetivo da seleção de Nelore ali mantida: constituir um plantel de qualificação na raça, para colocar o prefixo da criação no topo da pecuária seletiva nacional. Qualidade e não quantidade é a tônica que se está imprimindo ao trabalho da fazenda, que se iniciou no Nelore de elite em 1991, cinco anos após a aquisição da propriedade, 340 hectares localizados à margem da rodovia Marechal Rondon, encostada ao pontilhão que dá acesso à cidade de Agudos. O gado comercial foi vendido no início desse ano e, em seu lugar, veio todo o plantel de Geraldo Santos Castro, composto de 150 matrizes, mais o touro Resumo, nascido de Osiris da Terra Boa, reprodutor premiado e responsável pelo repasse, já que a Água do Segredo adotou logo a inseminação artificial com base em Jhisum, Taj, Rastã, Bhãjol, Gim e Ludy de Garça. Com a compra, vieram também o tratador dos animais e o médico veterinário Alfredo Santos

Castro, ainda hoje o responsável pela assistência técnica ao plantel e o orientador de sua proprietária. Da atual população bovina da fazenda, que soma 170 matrizes em reprodução para o total de 380 cabeças, entre machos e fêmeas em recría - no cumprimento do programa de melhoria genética qualificada e afunilamento das exigências -, só vão ficar na Água do Segredo 100 vacas, das quais as 20 melhores no projeto de transferência de embriões, que se pratica ali há quatro anos. As demais serão enviadas para o Mato Grosso, para fazenda que desenvolverá um trabalho de parceria com a Água do Segredo.

Só o melhor

Acrescentando, nos últimos tempos, à relação do sêmen utilizado também os nomes de Legat M.J. da Olhos D'Água, Ek e Espanto, estes por indicação de Dico - que, volta e meia, dá uma olhada no gado e tem seus “palpites” sempre acatados -, a Água do Segredo só quer ficar com a “nata” de sua criação. E, para isso, desenvolve um programa seletivo bastante rigoroso.

Basicamente, o empenho é posto em três parâmetros: o acompanhamento dos pesos, do nascimento aos dois anos de idade, o ponderal à desmama (que identifica não apenas o potencial do animal, mas também a habilidade da

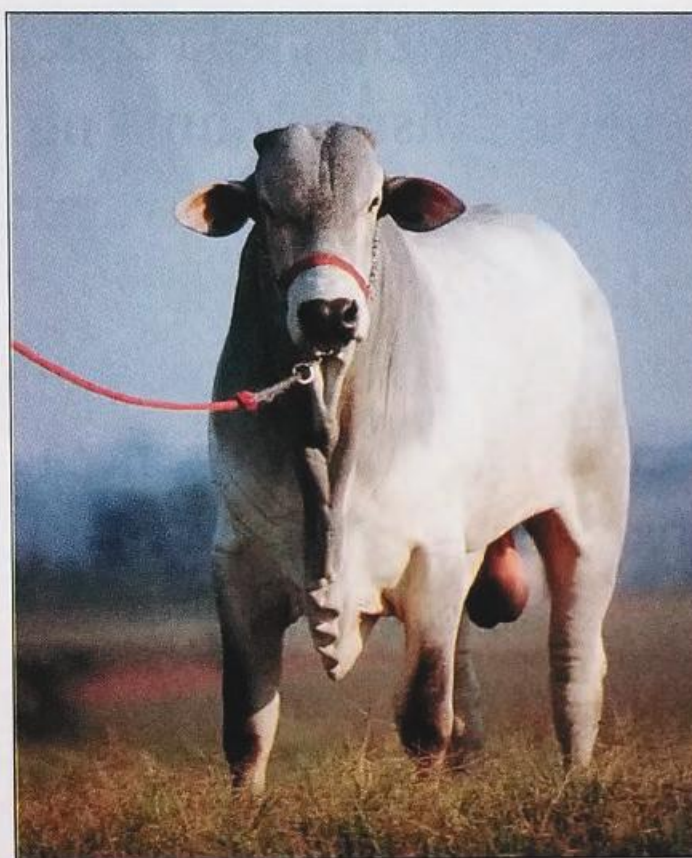


PLANTEL EM DESTAQUE

◆ mãe) e uma avaliação fenotípica definitiva nessa etapa, classificando todos os exemplares em três faixas (muito bom, bom e regular). Matriz que não estiver prenhe ao desmamar sua cria é eliminada do plantel. E bezerro ou bezerra que não chegou à média de seus contemporâneos tem o mesmo destino. A transferência de embriões está acelerando o processo de melhoria genética do plantel, que já partiu de bases muito boas, pois os animais adquiridos a Geraldo Santos Castro vieram, originalmente, da seleção de Tourinho de Abreu e Otávio Machado, da Bahia. As doadoras são as matrizes que se destacam por sua produção, obrigatoriamente com intervalo entrepartos menor que 14 meses, são submetidas a duas coletas e a cobertura natural em seguida, “para não forçar a natureza”, como diz Maria Elisabeth. Se há rigor nos descartes, também existe preocupação em permitir o pleno desenvolvimento do potencial dos animais. A criação é feita a campo, mas em pastagens bem cuidadas, os piquetes de centenário e *coast cross* utilizados em rodízio, com o acréscimo do *creep feeding* a partir dos três meses, uma ração balanceada na fazenda, com 20% de proteína, sempre disponível nos cochos móveis. Com um consumo médio de 700 gramas/cabeça/dia, o resultado, no ano passado, apesar da seca que assolou a região, foi de 236 kg para os machos e de 203 kg para as fêmeas, na desmama, aos sete meses, em média. A recria é feita a pasto, em sua maioria de brizantão, toda a área de pastejo recebendo adubação anual de reposição e reforma de acordo com as necessidades. Para os períodos de escassez de forragem, há áreas reservadas de *coast cross* para feno, já se prevendo, para o próximo ano, a confecção adicional de silagem de milho. A primeira cobertura das novilhas é feita ao redor de 16 meses, no máximo aos 18. As selecionadas para o time de exposições já são inseminadas aos 15 meses, ao apresentarem cio. Esse grupo é tirado dos animais que se destacam em peso e fenótipo desde o primeiro mês de idade, cerca de 25% do total de nascimentos da fazenda, mas que se reduz para 10% no final. A Água do Segredo mantém, hoje, entre 15 e 20 animais para exposição, número que



No lote de doadoras, quem se pôs na frente de todo o grupo é Rabona de G. Abaixo, os bons frutos da TE, na Água do Segredo.



quer ver crescer, permitindo ao prefixo mostrar-se em todas as categorias em julgamento, “o que nem sempre se consegue”, como admite Alfredo.

Comercialização

Tradicional vendedora como convidada dos leilões da Estância J.M. (Garça), em setembro, no NelorExato e na exposição de Bauru, em agosto, e no Nelore da Praça, em São Paulo, em novembro, a Água do Segredo também comercializa sua produção na fazenda, sempre preferindo entregar animais de seu prefixo com idade superior a 24 meses. Isso lhe dá a garantia de somente estar oferecendo produtos com qualificação de boa e muito boa, já que os animais que se classificaram como apenas regulares são obrigatoriamente descartados. Para a Expozebu-96, a fazenda também está preparando um lote de que vai tirar os animais a serem levados ao Noite dos



Editai da Água do Segredo, filho de Visual da Zebulândia VR e Penama (Gim), é um dos touros-destaque do plantel mantido na fazenda.

Campeões, evento para o qual foi igualmente convidada.

Maria Elisabeth sabe que ainda é cedo para obter, de seu plantel, cotações semelhantes às que ela própria atribuiu a alguns animais que insistiu em adquirir. Mas está convencida de que, ampliando a qualificação genética de seu núcleo inicial, com as aquisições que fez, e aplicando-se dedicadamente ao trabalho seletivo, com a intensificação dos trabalhos de transferência de embriões, vai pôr o nome da Água do Segredo entre os melhores do Nelore.

Do mesmo modo que já o tem na criação de seu Mangalarga (34 matrizes, atualmente, mas com planos para ficar em apenas oito), em que o várias vezes premiado Bonaparte Água do Segredo (96,5 pontos no Registro da raça) é o nome tope e principal responsável pela cobertura das éguas que também integram um programa de transferência de embriões.

Experiência australiana tem lições a serem aproveitadas pela pecuária brasileira

Criador de lá já produz seus bois de abate, sabendo para que mercados eles se destinarão. Assim, todo mundo sai ganhando. E frigoríficos podem pagar preços melhores.



O produtor mede a gordura de seus animais, ainda vivos, utilizando Brahman e seus cruzamentos, de acordo com os interesses dos consumidores, que são exigentes.



Poucos países como a Austrália poderão mostrar tanta eficiência na produção da carne exigida pelos mercados consumidores. Nos anos 80, todos os segmentos envolvidos na atividade dispuseram-se a um grande esforço para reverter uma tendência que se notava no país, de redução do consumo interno de carne bovina, abrindo-se um espaço cada vez mais ocupado pela colocação da carne ovina. Hoje, um organismo de características muito peculiares - o Australian Meat & Livestock Corporation, mantido pelos produtores, frigoríficos e governo - estuda permanentemente tudo o que se refira à carne, orientando a atividade pecuária australiana, da produção ao consumo, no país. Outros organismos, igualmente custeados com recursos oriundos das três áreas, exercem atividades específicas, buscando, sempre, colocar a Austrália em dia com o que acontece no mundo, de interesse para o setor, já que se

consolidou, na consciência australiana, a importância da produção de carnes para a economia interna e bem-estar de sua população.

A carne, na Austrália, merece uma política própria, pela importância e significado que esse mercado representa para os australianos.

Assim, além do AM&LC, o US-Meat, outro dos órgãos apontados, controla as indústrias, tipifica as carcaças bovinas, promove concursos entre os pecuaristas para premiar os melhores produtores e, ao mesmo tempo, educar os fazendeiros, enquanto o CRC-Meat Quality, reunindo universidades e centros de pesquisa, desenvolve uma série de trabalhos para duplicar a atual produção do país, em quantidade, além de controlar a qualidade do produto obtido e indicar caminhos para sua melhoria constante. O internacionalmente conhecido Csiro pesquisa tudo o que se refira à produção, das pastagens ao

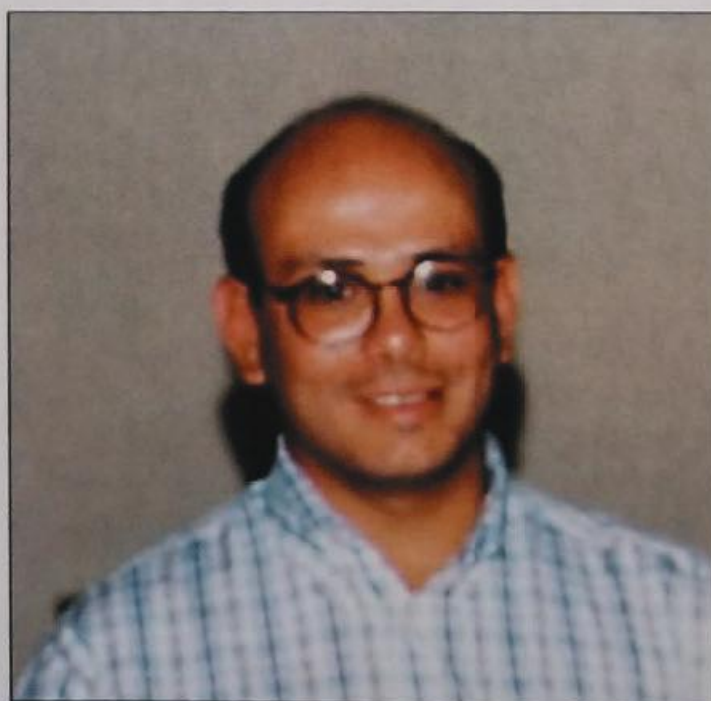
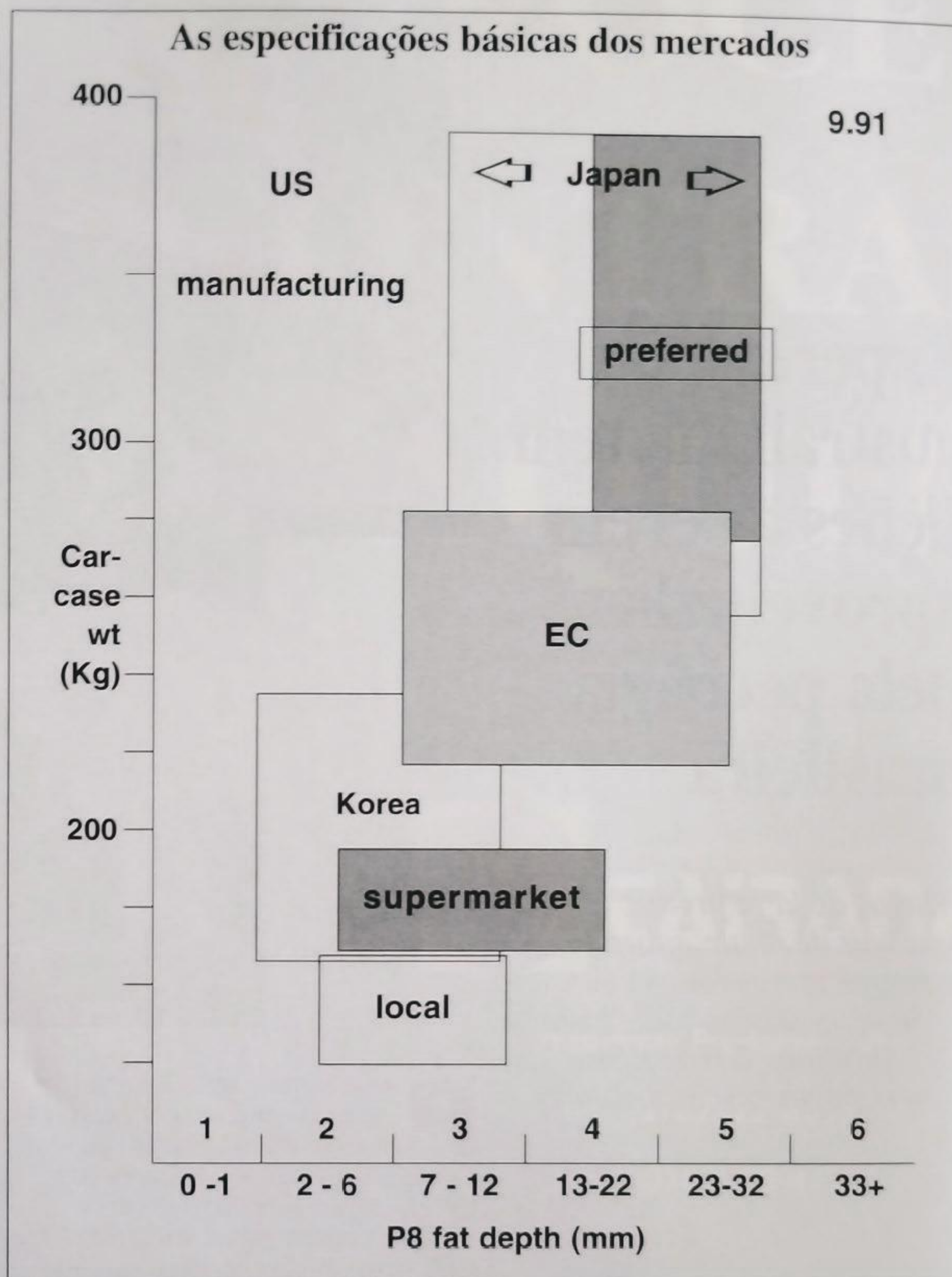
◆ manejo dos animais.

Em matéria de melhoramento genético, só se fala, nas propriedades dedicadas à produção de carne, em EBV, o sinônimo australiano para a nossa DEP (diferença esperada na progênie).

Eficiência

“Os australianos são realmente eficientes” - diz Carlos Eduardo Rocha, o “Paulista”, responsável pelo Departamento Técnico da ACNB, que esteve no país, no início do ano: “não têm aftosa, ocupam uma das primeiras posições no mercado internacional de carnes, com exportações previstas de 1,864 milhão de toneladas, este ano, com base em um rebanho bovino estimado em 23,902 milhões de cabeças (com decréscimo, portanto, em relação ao ano passado), vendem para os mercados mais exigentes, como o Japão e EUA, e com bons preços, e têm um consumo interno *per capita* estabilizado ao redor de 35 kg/ano, considerando apenas a carne bovina”. Na Austrália - explica “Paulista” - todo criador sabe para que mercado vai produzir, adequando o manejo e alimentação dos rebanhos às preferências dos consumidores que atenderá (ver gráfico). São muito utilizadas as raças africanas e o Brahman, principalmente nas regiões áridas do país, onde as condições de produção são bastante severas, com lotação de apenas uma cabeça por 20 hectares disponíveis. A pecuária, em sua grande parte, é extensiva, mas existem, também, confinamentos de porte, com até 50.000 cabeças, alguns deles administrados por empresas japonesas, que possuem, igualmente, frigoríficos no país.

Para contornar os problemas de clima e solo - já que são grandes as regiões desérticas utilizadas pela pecuária -, os criadores buscam a maior resistência possível em seus animais, mas com notável preocupação por sua produtividade. E, por isso, fazem cruzamentos de zebuínos com raças européias e até mesmo utilizam raças compostas, como o Belmonred, com 50% de sangue Afrikander, 25% de Shorthorn e 25% de Hereford. Outra característica da pecuária bovina australiana: apesar das grandes



“Paulista”: australiano é eficiente.

áreas, sempre que possível trabalha-se apenas com a família, adotando-se a mais moderna tecnologia disponível, propiciada fortemente pelos institutos de pesquisa e universidades. O forte da pecuária australiana, além de sua produtividade - na opinião de “Paulista” -, é o esmero na produção de carcaças exigidas pelos diferentes mercados. A avaliação é feita *in vivo*, através de ultra-sonografia, e no frigorífico, com especial atenção para quatro características: a cobertura de gordura na garupa e na costela, a área do olho do lombo e o rendimento final. Há um escore para o marmoreio, ◆

♦ tipificando as carcaças, segundo a gordura entremeada nos músculos, de 1 a 12. Conformação da carcaça, idade do animal abatido, peso final e cor da gordura são outros itens da avaliação, que determina ágios ou deságios no preço a pagar ao produtor. Nos frigoríficos, câmaras de vídeo são equipamento habitual, para analisar em conjunto as características das carcaças e definir sua avaliação final. Isso porque cada mercado comprador da carne australiana tem preferências particulares, que os exportadores se esmeram em atender. O Japão, por exemplo, principal mercado do país (318 mil toneladas compradas no ano passado) adquire dois tipos de carcaças, obtidas em animais terminados a pasto e em confinamento. Alguns importadores exigem carne bastante gorda, o que faz os produtores ampliarem o tempo de confinamento para acima de 100 e até 300 dias, em alguns casos.

A maciez

A maciez da carne é questão essencial. Daí, além do abate de animais jovens (nem sempre possível, dadas as condições severas da criação), os frigoríficos lançarem



As medições da gordura da carcaça são feitas manualmente ou por aparelhos eletrônicos, e conferem pontuação especial aos animais abatidos.

mão de recursos como a maturação e a estimulação elétrica após o abate. Em vários deles, as carcaças são penduradas pelo tendão do occipital

e não como se faz no Brasil, habitualmente. Outro aspecto que se leva em consideração é tentar reduzir o estresse dos animais antes do abate, pois se acredita, na Austrália, que é esse um fator determinante para a boa qualidade da carne, em relação à maciez, mais até que o complexo calpaína-calpastatina. Em sua viagem à Austrália, "Paulista" aproveitou toda oportunidade que se oferecia para falar (e mostrar material ilustrativo) sobre o Nelore brasileiro e resultados que a raça vem obtendo nas mais diferentes regiões de criação. E notou, além de grande interesse por conhecer mais sobre nossa pecuária, que a preferência dos criadores locais não é por animais altos ou grandes e sim médios, mas com conformação máxima de carcaça. Os australianos também acompanham de perto a luta brasileira contra a febre aftosa, já que, sem ela, o País passará a ser seu concorrente direto, provavelmente em condições vantajosas, em termos de preço, nos seus dois principais mercados: o Japão e os EUA (este recebendo, por ano, acima de 260 mil toneladas de carne bovina australiana).

Cada importador quer um tipo. E a Austrália o atende.

Resumidamente, são as seguintes as especificações seguidas pelos pecuaristas australianos para atendimento às preferências dos mercados interno e externos.

Para consumo doméstico - A classificação **light local trade** exige vitelos entre 8 e 12 meses, com peso vivo de 240 a 300 kg. Após a desmama, os animais são terminados em boas condições de alimentação, em geral a pasto, mas recebendo suplementação. A maioria dos abates é feita com vitelos de gado leiteiro, obtido em cruzamentos de Bos indicus e raças britânicas.

A especificação **supermarket/heavy local trade** é representada tipicamente por novilhos e novilhas de raças britânicas e seus cruzamentos. São animais jovens, abatidos entre 12 e 18 meses, com cerca de 390 kg. A terminação é feita em pastagens de alta qualidade ou em regime de confinamento que varia de 70 a 90 dias.

A classificação **breaking ox (restaurant)** é obtida por animais jovens, entre 18 e 30 meses, castrados, com peso vivo aproximado de 530 kg. As carcaças são comercializadas desossadas nos cortes primários, com colocação em restaurantes e instituições, por preços mais elevados.

Para exportação - O tipo **Korea grassfeed** atende ao mercado coreano, relativamente novo para as exportações australianas, mas considerado de grande futuro (51.000 toneladas, no ano passado). Exigência básica é que os animais tenham, no máximo, quatro dentes (30 meses). O peso vivo varia de 350 a 500 kg. Fornecedoras são, em geral, raças britânicas e européias, mantidas a pasto.

O tipo **EC grassfeed** se destina aos mercados da União Européia, que os australianos consideram seu melhor e mais lucrativo mercado, embora não o maior comprador. Criados em pastagens de boa qualidade, os

animais são de raças britânicas e européias, com 500-600 kg de peso vivo. Exigência básica é que a carne esteja livre de hormônios de crescimento.

O tipo **Japan grassfeed** exige novilhos entre dois e quatro anos de idade, com peso vivo de 500 a 700 kg. Para sua produção, utilizam-se diferentes sistemas, para atender à preferência japonesa de carne bastante gorda (entremeio e cobertura). A terminação é feita em pastagens de excelente qualidade. O tipo **grainfeed** geralmente é obtido em confinamento de 100 dias. Há confinamentos de 160-180 dias para terminar novilhos de 15-18 meses, com 400-500 kg de peso vivo, também comprados pelos japoneses. E, ainda, engorda confinada por até 300 dias, para se chegar a carcaças supergordas.

United States - para o mercado norte-americano, a produção busca animais entre 430-580 kg de peso vivo.

É possível desenhar um novilho Nelore ideal para quem cria, abate e consome carne?

Essa questão foi formulada a diversos especialistas no setor, durante o terceiro simpósio sobre o Nelore do futuro. E a resposta foi afirmativa: basta querer.



Plenário permaneceu lotado durante todo o período de tempo ocupado pela mesa redonda

Baseada no tema “Realidade e mitos da carcaça ideal para o frigorífico” e sequência do painel “O Nelore no pasto e no prato”, a mesa redonda que encerrou o III Symposium “O Nelore do século XXI” reuniu representantes de abatedouros, jurados em exposições e especialistas em carcaças bovinas. E buscou responder, com objetividade, a questões de interesse geral, formuladas pela coordenação do simpósio e do plenário, que permaneceu lotado até o final dos trabalhos, dia 9 de agosto último, em Ribeirão Preto, SP.

A pergunta inicial - como poderia ser definido o modelo de um excelente novilho

pronto para o abate - revelou que ainda existe certa diversidade de opiniões, em razão de interesses particulares de cada segmento envolvido na atividade. No geral, porém, o bovino ideal foi desenhado como um animal jovem, com o máximo de quatro dentes incisivos permanentes, peso entre 230 e 270 kg e espessura de gordura de, quando muito, 6 mm. Esse tipo atenderia às exigências dos mercados interno e externo. Particularmente, cada expositor preferiu um determinado peso, Arnaldo Manuel Machado Borges, do corpo de jurados da ABCZ, enfatizando que “um novilho, para ter boa carne, tem que ▶

PREMIPHOS CA
A REVOLUÇÃO DA SUPLEM

ser Nelore e que tenha tido um bom manejo”. José Barbosa dos Santos, da Sadia, situando o peso ideal entre 240 e 270 kg, também recomendou preferência por carcaças subconvexas. Jorge Carlos Dias de Souza, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, já reduziu a idade para dois dentes, fixou o peso entre 14 e 16 arrobas, com cobertura de gordura capaz de não comprometer o resfriamento, no frigorífico, além de oferecer rendimento de 75% em músculo para apenas 15% de gordura total. Para Luiz Bonilha Neto, também do quadro de juízes da ABCZ, que prefere o peso entre 250 e 270 kg, ideal é o animal de até 30 meses, carne de cor vermelho-cereja e boa maciez, enfatizando que “o Nelore tem condições de produzir essa carcaça a pasto, barata”. Albino Luchiari Filho foi bastante enfático: o primeiro ponto da carcaça de boa qualidade é ser de um animal jovem, inteiro ou castrado, e o segundo é estar pronto com denteição até 24 meses (limite), se inteiro, ou até 30 meses se castrado. As fêmeas, em sua opinião, “também dão boas carcaças se forem jovens, com peso de 220 kg, 4 a 6 mm de gordura recobrindo os cortes nobres. O traseiro especial deve dar no mínimo 48%, para um bom rendimento de cortes, 76 cm² de área de olho de lombo”. Ele destacou, ainda, que “animais anelados produzem carcaças com 15,5 arrobas, com 20% de gordura, e isto é o que desejamos”.

E na pista de julgamento, como os juízes definem qual o melhor novilho precoce? perguntou Newton Camargo de Araújo, de Uberaba. Arnaldo Borges respondeu que procura o animal mais comprido, com bom arqueamento de costelas e bom comprimento dos membros. Na pista, ele valoriza exatamente essas características, pois, afirmou, o animal bem

arqueado tem boa musculatura e desempenho melhor, mas também se deve olhar para o ganho de peso e altura do animal, para premiá-lo. Bonilha disse que preferia a conformação comprida, em animais bem cobertos, arqueados e com aprumos capazes de suportar bem o seu peso. E insistiu: “não premiamos ossatura excessiva, premiamos bons tendões e média ossatura”. Bonilha também dá valor especial à capacidade respiratória dos animais, para premiá-los, “pois boa capacidade respiratória indica que eles transformam bem fibra”, conferindo peso específico, em sua pontuação, à precocidade no ganho de peso. E concluiu: “a vantagem do Nelore em relação aos animais cruzados está exatamente no seu maior rendimento em cortes comestíveis”.

A cobertura de gordura, exigida pelos frigoríficos, motivou diversas questões, que Anélio Mazzocco, do Frigorífico Vale do Sol, de Cáceres, MT, procurou explicar: a gordura, na medida adequada, protege a carcaça, na operação industrial e no resfriamento. Bois inteiros, sem esse revestimento, têm sua carne escurecida, recusada pelo consumidor e, por isso, admitiu que, para os frigoríficos, se for possível não abater animais inteiros, é melhor. Ele também alertou para o problema da sonegação fiscal no setor, que a política de incentivos para o novilho precoce pode reduzir. Afirmou: “falando em linguagem clara, a sonegação corre solta. O boi mais pesado induz a maior imposto e, portanto, a maior sonegação”.

Espicaçado por Odilon Carvalhais, do Grupo Geanor, de Janaúba, MG - que perguntou qual a saída para o produtor, “num mercado confuso e imprevisível como o nosso, inclusive com ameaça do Mercosul e falência de frigoríficos” - , o mesmo Anélio Mazzocco admitiu que, embora “as coisas venham mudan-

do”, a carga tributária ainda é muito grande. Além disso, apontou como causa das dificuldades indicadas o fato de muitos frigoríficos, hoje, pertencerem a “ex-açougueiros e ex-carneadores, que têm o hábito do açougue e não da indústria”, afora “a concorrência desleal de 50% do abate clandestino, que é forte atração para a sonegação, já que todo dono de frigorífico também é dono de fazenda e de bois”. No entanto, disse que os frigoríficos que estão quebrando são os que não souberam administrar as mudanças que estão ocorrendo na área. E destacou: “nós temos que criar marcas, receitas para preparo de carnes nas embalagens etc., tudo para atrair o consumidor e melhor atendê-lo”.

Área em que não se logrou obter definições mais precisas dos apresentadores foi a referente à castração, mais precisamente qual a idade ideal para essa operação no Nelore. Albino Luchiari sintetizou o pensamento dos técnicos ao dizer que “não teria a resposta ideal, mas trabalhos feitos há 20 anos mostraram que, se for necessário castrar, quanto mais cedo melhor, pois haverá menos estresse para o animal”. Por isso, pessoalmente, recomendava esse caminho. Jorge de Souza preferiu mostrar os números de trabalho realizado em 1984, com a castração ocorrendo em três diferentes idades e a queda havida no peso em relação a animais inteiros abatidos aos 35 meses com 440 kg: feita no primeiro mês de vida, ocasionou perda de 15%; aos sete meses, de 11% e, aos 15 meses, de 10%. Mas, para Francisco Salles, de Araçatuba, SP, presente na mesa como invernista, valia sua própria experiência de castração 90 dias antes do envio de seus animais para o frigorífico. E a fazia por exigência de seu comprador, pois, se pudesse, só enviaria para abate animais inteiros.

IMPO
NTAÇÃO



PATROCÍNIO PAULISTA - SP
TEL: (016) 745-1411
PRESIDENTE PRUDENTE - SP
TEL: (0182) 21-4267

ARAÇATUBA - SP
TEL: (0186) 23-2931
SAO PAULO - SP
TEL: (011) 573-4743

PIONEIRISMO
E TECNOLOGIA
LUCRO CERTO